

REPERCUSSÕES DO DISTANCIAMENTO SOCIAL E DAS ATIVIDADES LABORAIS NA QUALIDADE DE VIDA DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS EM PERÍODO DE PANDEMIA

Maria Lara Simões Lozovoi¹
Beatriz Salemme Corrêa Cortela²

Resumo

Em abril de 2020, o Ministério da Educação suspendeu as aulas presenciais em virtude da pandemia causada pelo vírus da COVID-19, indicando a adoção de aulas virtuais. A pesquisa aqui descrita pretendeu explicitar os possíveis impactos do distanciamento social na qualidade de vida (QV) de uma amostra de docentes universitários, além de registrar suas dificuldades e pontos positivos na adequação de atividades para o ensino virtual. Dois questionários foram enviados aos docentes de quatro departamentos (Física, Química, Biologia, Matemática e Educação): o WHOQOL-Bref, validado pela OMS, no intuito de classificar a QV; e outro sociodemográfico e com perguntas abertas versando sobre suas atividades laborais. Os dados obtidos (28 de 93 possíveis respondentes) foram organizados por meio de planilhas do Excel e analisados de forma quantiquantitativa. Quanto à QV, os índices apontam que, de modo geral, era boa (70,54 pontos, em 100); que os docentes do departamento de Matemática tiveram os menores índices em todos os domínios (64,01) e os da Química os maiores indicadores (76,44); que os valores gerais das mulheres estiveram abaixo dos homens em todos os domínios, com exceção do de Relações sociais (71,15). Quanto às dificuldades com as atividades de ensino, os docentes destacaram: a diminuição das interações, menor envolvimento dos alunos com os objetos de estudo; dificuldade em encontrar formas de avaliar efetivamente o desempenho dos alunos, e na adequação de atividades e conteúdos, além de maior tempo gasto com o planejamento das aulas. Quanto aos aspectos positivos que as atividades remotas propiciaram, os docentes destacam o fato de as aulas não serem obrigatoriamente síncronas e as gravações serem disponibilizadas aos alunos; a facilidade para agendamento/realização de reuniões conjuntas; e que o momento de crise possibilitou oportunidades para adotarem novas formas de trabalho e, de certo modo, repensarem a pertinência/aprofundamento de certos conteúdos.

Palavras-chave: Qualidade de Vida; WHOQOL-Bref; Docentes universitários; Ensino remoto; Distanciamento Social

1. Introdução

Os resultados aqui apresentados são fruto de uma pesquisa, em fase de finalização, aprovada pelo Comitê de Ética sob número CAAE 39217620.6.0000.5398, intitulada Repercussões do Isolamento Social e das Atividades Laborais Remotas na Qualidade de Vida

¹ Graduanda em Licenciatura em Física, na UNESP, campus de Bauru. maria.lozovoi@unesp.br

² Prof.^a Dra. do Programa de Pós-Graduação Educação para a Ciência e do Departamento de Educação, da UNESP, do campus de Bauru. beatriz.cortela@unesp.br

de Docentes Universitários. A investigação visa analisar os possíveis impactos do distanciamento social e das atividades laborais na qualidade de vida de uma amostra desses profissionais, mapeando o modo como estes profissionais têm reorganizado seus planos de aula para atender às novas demandas.

É decorrente, principalmente, do contexto vivido, fazendo emergir questões educacionais, que não são novas, mas que afloraram de forma brusca a partir do início da pandemia. Desde dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS)³ passou a monitorar a ocorrência de uma nova cepa de coronavírus, atualmente identificado por SARS-CoV-2, responsável pela doença denominada COVID-19. Em março de 2020, a OMS declarou a situação pandêmica em virtude da rápida e nefasta disseminação da doença⁴. Naquele momento, eram mais de 118.000 casos em 114 países, tendo causado 4.219 mortes. Depois de dezoito meses, em 20 de novembro de 2021, os dados apontam mais de 22 milhões casos e 612 mil mortes, apenas no Brasil⁵.

O gerenciamento da pandemia pelos órgãos governamentais foi bastante diverso, mas a maioria deles adotou práticas consideradas eficientes para diminuir o contágio. Em todo o mundo, houve a necessidade de serem adotadas medidas como higienização das mãos, uso de máscaras e isolamento (dos contaminados) e distanciamento social (para os não infectados), e a vacinação, entre outras. Medidas estas que impuseram modificações na rotina e hábitos da maioria das pessoas, impactos econômicos, emocionais, sociais e também políticos, principalmente aqui no Brasil, cujo governo federal adotou uma perspectiva negacionista em relação à Ciência. Ou seja, assumindo atitudes tendenciosas, recusando-se a aceitar a existência, validade e/ou a veracidade fatos científicos ou eventos históricos, apesar das evidências e/ou argumentos que os comprovam, investindo em medicamentos sem eficácia, desacreditando a eficiência das vacinas, reduzindo verbas destinadas ao desenvolvimento científico, por exemplo.

A forma como os diversos ministérios do governo brasileiro, autoridades públicas e do setor privado lidaram (e têm lidado) com a pandemia, foram de tal forma evasivas e/ou permissivas, que uma Comissão Parlamentar de Inquérito foi aberta no Senado Federal e, em

³ <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%2C%20pandemia%20%C3%A9,sustentada%20de%20pessoa%20para%20pessoa.>

⁴ <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>

⁵ <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/>

relatório⁶ finalizado, foram apontadas responsabilidades e crimes supostamente praticados a serem investigados. Esses dados não serão aqui discutidos, mas servem como pano de fundo para compreender o contexto histórico, político, econômico e social no qual os participantes e os pesquisadores estão vivendo.

O Ministério da Saúde editou, em fevereiro de 2020, a Portaria nº188⁷, declarando Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional. Com isso, o Ministério da Educação publicou, em março de 2020 a Portaria nº343⁸, que suspendeu as aulas presenciais em escolas da educação básica e também no ensino superior, indicando a adoção de aulas virtuais, fazendo uso de tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). A ideia foi, em termos gerais, evitar aglomerações não só nas unidades escolares com também nos meios de transporte, restringindo a circulação de pessoas.

Dessa forma, as diversas instituições escolares passaram a oferecer o ensino remoto emergencial, que se distingue do ensino a distância (EAD), não sendo considerados sinônimos. O Decreto 9057/217⁹ tipifica e regulamenta esta formação

Art. 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.

Já o ensino remoto emergencial refere-se àquele oferecido também em tempo e espaço diferenciados, mediados pelas TDIC. No entanto, o plano de trabalho é elaborado e conduzido pelo docente, sem a intermediação de tutores. E é emergencial porque o planejamento pedagógico previsto é reformulado para o tempo de duração do distanciamento social e não se configura como uma prática permanente.

Assim, mais que aprender a utilizar os recursos tecnológicos, foi (e é) preciso, entre tantos outros elementos, ter equipamentos e sinal de internet de qualidade, não só em relação aos alunos como também os professores; elaborar atividades pedagógicas adequadas a este espaço formativo, e também repensar o currículo, tendo em vista que a maioria deles foi

⁶ <https://www.poder360.com.br/cpi-da-covid/leia-a-integra-do-relatorio-final-da-cpi-da-covid-no-senado/>

⁷ <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>

⁸ <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>

⁹ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm#art24

projetada para os espaços presenciais, cujas relações mais humanizadas medeiam os envolvidos, favorecendo a percepção não somente do currículo prescrito, mas também o oculto. Silva (2003, p.78) considera que “[...] o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”. Neste sentido, o currículo oculto compreende comportamentos, atitudes, valores e orientações que a sociedade (o coletivo) requer das novas gerações (indivíduos) para que se ajustem às estruturas e ao funcionamento da sociedade já constituída, e que lhes possibilite efetuar mudanças necessárias ao bem-físico, econômico e social desta mesma sociedade.

No caso específico dos docentes da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *lócus* da pesquisa, a Portaria 128/2020¹⁰ deu nova redação à Portaria UNESP 122-2020, que definiu diretrizes para o desenvolvimento e a adaptação das disciplinas da graduação para atividades não presenciais, em virtude da pandemia do Coronavírus (Covid-19). Num primeiro momento, a portaria 122/2020 possibilitou a adesão (ou não) das atividades remotas, como aponta o Art. 3º:

As disciplinas deverão ter continuidade integral ou parcial com o emprego de estratégias de aprendizagem não presenciais, quando possível, o que inclui as avaliações, conforme a Resolução UNESP 79, de 25-8-2005.

Porém, com o passar dos meses, e com o agravamento da pandemia, a maioria dos docentes colocaram as disciplinas em andamento de forma remota, com exceção de algumas práticas de laboratório e/ou mesmo de estágios supervisionados.

É neste contexto que foi realizada uma investigação tendo por objetivos compreender dois aspectos importantes da mesma problemática: 1. detectar os possíveis impactos do distanciamento social e das atividades laborais na qualidade de vida de docentes universitários; 2. levantar quais as principais dificuldades e pontos positivos da adequação do ensino presencial às atividades remotas, na perspectiva dos docentes. A ideia geral foi a de entender o quanto o distanciamento social (ou ausência dele), e da pandemia em si, influenciaram a qualidade de vida (QV) de uma amostra de docentes universitários que ministram aulas em cursos nas áreas de Ciências da Natureza, Matemática e Educação numa universidade pública; mapear e sistematizar as adaptações feitas às disciplinas ministradas por eles para o ensino remoto e como avaliam as problemáticas decorrentes (ou agravadas) pelo ensino remoto.

¹⁰ <https://www2.unesp.br/portal#!/covid19/retomada-das-atividades-presenciais/>

Concorda-se com Nóvoa (2000) quando este afirma ser relevante saber muito mais sobre as prioridades e QV dos professores. Mais que isso, defende-se aqui ser necessário não só saber sobre, mas discutir resultados e estabelecer mecanismos para melhoria das condições de trabalho e, por consequência, da QV desses, desenvolvendo ações conjuntas. Neste sentido, os resultados obtidos nesta investigação serão disponibilizados a todos os participantes, individualmente, e também serão apresentados em reuniões de conselho de curso, a serem agendadas para dezembro de 2021, visando a esclarecimentos e suscitando possíveis equacionamentos dos problemas detectados.

No que diz respeito às atividades pedagógicas, é importante mapear e registrar os primeiros movimentos realizados pelos docentes visando o desenvolvimento das aulas remotas, tendo em vista que há uma tendência para o que o ensino híbrido (composto por aulas presenciais e remotas) seja adotado não só no ensino superior como também na Educação Básica, como defendeu a atual presidente do Conselho Nacional de Educação¹¹, Maria Helena Guimarães de Castro, em novembro de 2021. Fato este que necessita de discussões mais aprofundadas, não sendo aceito sem as devidas críticas.

Brito e Cortela (2020), Oliveira Filho, Oliveira e Oliveira (2012), entre outros, apontam que os docentes que atuam em universidades públicas desempenham funções que transcendem o ensino e a produção de conhecimentos. Atendem também aspectos ligados à extensão e à administração, ocupando cargos de chefia, de coordenação de curso e em comissões, organizam e participam de eventos e revistas científicas, coordenam laboratórios de pesquisa e de ensino, orientam alunos de graduação e de pós-graduação, desempenhando diversas funções simultaneamente. Assim, são exigidos não só quanto à produção e publicação técnico-científica, como também para o desenvolvimento de projetos extensionistas, além da vida administrativa da universidade que, por ser colegiada, envolve a gestão de seus órgãos setoriais pelos pares, a participação em reuniões, acompanhamento de processos e outras funções burocráticas.

Assim, a docência universitária é uma atividade complexa, interativa e multidimensional, envolvendo diversidade de tarefas e atuações, agrupadas em cinco grandes categorias essenciais, que giram em torno: das relações com os alunos e com os processos de ensino e de aprendizagem; relação com pares; formação e desenvolvimento profissional; participação na gestão e organização institucional; produção e divulgação de conhecimentos.

¹¹ https://br.noticias.yahoo.com/cne-elabora-documento-para-manuten%C3%A7%C3%A3o-212506956.html?soc_src=community&soc_trk=wa

Portanto, não está fundamentada apenas pela lógica racional, mas mantém ênfase na interação humana e em todas as especificidades decorrentes dela, demandando dos professores um equilíbrio contínuo, tanto físico quanto psíquico, social, refletindo-se na sua percepção de qualidade de vida.

Se, por um lado, os docentes universitários podem ser considerados pessoas capazes de realizar escolhas mais assertivas a seu favor, por supostamente estarem pautados na lógica científica, por outro as exigências decorrentes de sua atuação acadêmica podem influenciar negativamente seu estilo de vida e, conseqüentemente, em diferentes aspectos de sua qualidade de vida (QV).

2. Desenvolvimento

As reflexões e resultados de pesquisa aqui apresentados têm origem em estudos mais amplos, realizados com intuito de levantar e discutir problemáticas relativas à formação de professores, visando compor um panorama sobre o processo de constituição da identidade docente em diferentes tempos e espaços formativos, a partir da aquisição e mobilização de saberes (CORTELA, 2016; CORTELA; CORTELA, 2018).

Diante do exposto, pretende-se aqui discutir os possíveis impactos do distanciamento social e das atividades acadêmicas e laborais na Qualidade de Vida (QV) de docentes universitários, tendo como perspectiva as opiniões de uma amostra daqueles que atuavam em cursos das áreas de Ciências da Natureza (Física, Química e Biologia), Matemática e Educação, num dos campus da UNESP.

Considerando que os fatores estressores presentes neste *locus* não parecem se restringir a um curso em particular ou a um campo do saber, e intuindo-se que estes elementos tendem a se expandir e agravar em função do processo de distanciamento social e da realização de trabalhos remotos, decorrentes do avanço da COVID-19 em todo o mundo, torna-se ainda mais relevante e necessário refletir e buscar possibilidades de enfrentamento para esses problemas, em bases científicas (ARAUJO FILHO; MARANHÃO, 2020)

Em todos os sentidos, o distanciamento social (ou ausência dele) se reflete na QV das pessoas não somente por causa dos impactos financeiros, de acesso às condições básicas de moradia, serviços públicos de saúde, restrições de acessibilidade, entre tantas outras. Mas, também, porque se intensificaram: a violência doméstica (VIEIRA; GARICA; MACIEL, 2020); o excesso de trabalho, acumulando rotinas domésticas com as atividades laborais, realizadas de forma remota, em muitos casos, principalmente entre as professoras; além do

cuidado com filhos ou familiares do grupo de risco, reforçando diferenças decorrentes do gênero. Nesse sentido, “[...] os indivíduos submetidos ao isolamento social estão mais suscetíveis a apresentar transtornos de saúde mental, devido à privação e contenção social, surgindo sintomas de sofrimento psíquico, em especial, relacionado ao estresse, ansiedade e depressão (PEREIRA *et al.*, 2020).

2.1 Qualidade de vida: escolhas conceituais e a preparação dos instrumentos para constituição de dados

Estudos apontam que o conceito de QV foi se modificando ao longo os tempos. Esta terminologia data do início do século vinte, numa perspectiva economicista de autores que se baseavam em indicadores sociais da época, tais como: rendimentos *per capita*; níveis de consumo; sinais exteriores de riqueza, entre outros, e que levaram a uma compreensão bastante limitada sobre tal fenômeno.

Os avanços de diversas áreas de estudo da condição humana tiveram papel decisivo na ampliação do sentido e conceito dado à QV, que já na segunda metade do século XX passou a ser entendido como termo complexo, que não se restringe às condições de um indivíduo e sim de um coletivo de pessoas. Assim, a terminologia passa a adotar uma visão holística e ser compreendida como multidimensional.

Estudos apresentam diversas definições para QV, sendo algumas complementares a outras. Cieslak *et al.* (2007), definem a QV como sendo um conjunto de fatores que influenciam na vida humana, com elementos como o bem-estar físico, mental, psicológico e emocional. Destacam também que outros como renda familiar, alimentação, transporte e carga horária de trabalho, também são elencados para tal entendimento da QV.

Pereira, Teixeira e Santos (2012, p. 1), ao tratarem sobre QV, consideram que “A forma como é abordada e os indicadores adotados estão diretamente ligados aos interesses científicos e políticos de cada estudo e área de investigação, bem como das possibilidades de operacionalização e avaliação”. Neste sentido, esta investigação pautou-se na definição dada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que considera a qualidade de vida como sendo

[...] a percepção do indivíduo sobre sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Um conceito extenso e complexo que engloba saúde física, estado psicológico; nível de independência, relações sociais, crenças pessoais e relações com as características do seu entorno. (OMS, 1988, p. 28, tradução das autoras).

Assim, compreende-se que a QV pode ser também entendida a partir do nível de satisfação do indivíduo no que diz respeito à sua vida cotidiana. Assim, quando voltamos nossos interesses para estudar a QV de docentes universitários, fizemos um exercício de tentar percebê-la a partir dos elementos anteriormente elencados, já apontados pela literatura, adotando uma perspectiva crítica a respeito do uso do conceito e suas potencialidades. Corroborando Pereira et al. (2020), compreende-se que as relações estabelecidas entre as demandas do mundo do trabalho, familiares e acadêmicas engendram uma relação complexa com o modo de vida, e se refletem na QV de vida das pessoas, podendo potencializar outros efeitos, como, por exemplo, o adoecimento, afastamento do trabalho e/ou mesmo o desgaste das relações interpessoais.

Cabe ainda salientar que estudos (MOREIRA *et al.*, 2017) já apontavam que o sofrimento no trabalho se desdobra além do espaço laboral à medida que não se aplica apenas aos processos construídos no interior das organizações, mas também no espaço doméstico e na economia familiar do trabalhador.

Como bem pontuam Pedroso, Pilatti e Reis (2009), mesmo concordando a respeito da importância de estudar a QV das pessoas e quanto à necessidade de se criar instrumentos que possam mensurá-la, a multidimensionalidade desse conceito, que supera a visão de saúde como sendo o oposto de enfermidade, faz com que diferentes indicadores possam ser considerados. Assim, adotou-se na pesquisa aqui descrita por um instrumento já validado pela Organização Mundial da Saúde (OMS): o WHOQOL-Bref.

Trata-se de uma versão simplificada que o Grupo de QV da OMS desenvolveu do WHOQOL-100, pela necessidade de um instrumento curto, que demandasse pouco tempo de preenchimento, mas com características psicométricas satisfatórias. É um questionário composto por 26 questões, duas delas gerais e 24 específicas. As questões gerais (1. quanto você tem se preocupado com sua saúde? e 2. como você avalia sua qualidade de vida?), compõem o indicador Autoavaliação da qualidade de vida. As outras 24 perguntas estão associadas a quatro domínios: Físico, Psicológico, Relações Sociais e Ambiente. Cada um deles é composto por aspectos relativos à QV, denominados facetas, indicadas no Quadro 1.

Quadro 1: Facetas de cada domínio do WHOQOL-Bref

Domínios	Facetas
Físico	1-Dor e Desconforto; 2-Energia e Fadiga; 3-Sono e Repouso; 4-Mobilidade; 5-Atividade da Vida Cotidiana; 6-Dependência de Medicação; 7-Capacidade de Trabalho
Psicológico	1-Sentimentos Positivos; 2-Pensar, Aprender e Memória; 3-Autoestima; 4-Imagem Corporal; 5-Sentimentos Negativos; 6-Espiritualidade
Relações Pessoais	1-Relações Pessoais; 2-Apoio Social; 3- Relações Sexuais
Ambiente	1- Segurança Física; 2- Ambiente do lar; 3- Recursos Financeiros; 4-Cuidados de Saúde; 5- Informação; 6- Recreação e lazer; 7-Ambiente físico; 8- Transporte

Fonte: Adaptado de Fleck *et al.* (2000)

As respostas às perguntas são dadas respeitando uma escala do tipo *likert*, com base numa classificação psicométrica, apresentando uma proporção que varia de 1 a 5 pontos. O sujeito responde às situações apresentadas de acordo com seu nível de satisfação e/ou conformidade. Isso permite, ao final do processo, o cálculo do indicador de QV local, seja global ou individual, de cada faceta.

Algumas das questões precisam ter seus valores invertidos, dado que 1 vai representar o melhor valor e 5 o pior. São elas:

- 3- Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?
- 4- O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?
- 2-6- Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como: mau humor, desespero, ansiedade, depressão.

Além do questionário anteriormente descrito, nesta investigação os participantes também foram perguntados a respeito de seu peso e altura, visando o cálculo do índice de massa corporal (IMC), fator que também influencia questões de saúde, principalmente no que diz respeito aos grupos de risco da COVID-19 (ROCHA; MOTTER, 2021).

Os dados obtidos são tabulados em uma planilha do Excel e dela decorrem gráficos e tabelas estatísticas, em uma planilha pré-programada por Pedrozo, Pillatti e Reis (2009). A ferramenta proposta realiza os cálculos obtidos a partir dos dados inseridos pelo pesquisador, de modo que gráficos e tabelas são gerados automaticamente.

Para a análise destes indicadores, o instrumento considera um sistema de pontuação com limites de 1 a 100 pontos, gerado pelo desempenho das respostas. As classificações destes consistem em: muito ruim (de 1 a 20 pontos); ruim (de 21 a 40 pontos); nem ruim nem bom (de 41 a 60); bom (de 61 a 80); e muito bom (de 81 a 100), mantendo uma amplitude de classe de 19 pontos, para atender a parâmetros estatísticos.

Já no que diz respeito ao levantamento das dificuldades decorrentes das adaptações das atividades pedagógicas para ambientes virtuais, as pesquisadoras elaboraram outro questionário contendo perguntas visando levantar o perfil sociodemográfico dos participantes (departamento onde está lotado (ambiente de trabalho), ano de ingresso na universidade (experiência), quantidade e tipo de disciplinas ministradas no ano de 2020 (intensidade do trabalho), idade (faixa etária), sexo (questões de gênero), estado civil (responsabilidades familiares); e formação inicial (possíveis indicadores de domínio de metodologias de ensino).

Complementando este questionário, foram elaboradas questões fechadas, visando levantar os principais sentimentos durante a realização do questionário. A ideia, com estas questões, foi de triangular os resultados obtidos no questionário WHOQOL-Bref em relação à autoavaliação da qualidade de vida.

Para mapear os possíveis participantes da pesquisa foi realizado um levantamento no sítio de cada um dos departamentos da universidade pesquisada. Na amostra foram incluídos indivíduos de ambos os sexos, docentes de um dos campus da instituição que atendessem aos seguintes requisitos: atuarem em cursos nas áreas de Ciências da Natureza, Matemática e Educação durante o ano de 2020 há três anos ou mais na carreira. Foram encontrados 93 prováveis participantes. Depois desta etapa, foi enviado um e-mail individual convidando à pesquisa, apresentando os objetivos e aspectos principais da mesma, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o questionário WHOQOL-Bref, e o questionário sociodemográfico, que envolvia também questões relativas às atividades pedagógicas realizadas no período e as perguntas sobre estado emocional no momento de preenchimento do documento. Vale ressaltar que a pesquisa já havia sido aprovada pelo Comitê de Ética antes da constituição dos dados.

Este último instrumento citado foi feito usando a plataforma do *Google Forms*, por ser de rápido e fácil acesso (VASCONCELOS; GUEDES, 2007). O envio aos docentes se deu por meio das listas disponibilizadas por meio do sítio de cada departamento. Ambos os instrumentos ficaram abertos para o recebimento das respostas entre o final de dezembro de 2020 e início de janeiro de 2021, período que abrangia praticamente 10 meses de atividades de ensino remotas e de recesso dos docentes.

No processo de constituição, organização e análise dos dados optou-se pelo exercício provocado pelo olhar de uma pesquisa quantiquantitativa, que para Souza e Kerbauy (2017), são elementos que não podem ser vistos de maneira antagônica e sim, a depender do que se pretende investigar, como complementares ao objetivado e ao subjetivado, na tentativa

de interpretar os fenômenos sociais. Isso implica dizer que a presente investigação se valeu de instrumentos da ordem estatística visando levantar indicadores da QV dos participantes e, ao mesmo tempo, engendrou esforços no sentido de compreendê-los numa perspectiva holística.

Flik (2004) também considera que esta abordagem mista, conjugando aspectos quali e quantitativos pode proporcionar benefícios à pesquisa: a identificação de variáveis específicas, favorecendo uma visão mais globalizada do fenômeno e enriquecer constatações obtidas por meio de instrumentos mais objetivos com outros de ordem mais subjetiva.

A partir de um exercício de análise cuidadoso e qualitativo dos aspectos quantitativos apontados, e considerando toda a dinâmica dos fatores estressantes decorrentes não só do distanciamento social como também das atividades laborais, procedeu-se a sistematização e análise dos dados, apresentados a seguir.

2.2 Descrição do processo, análise e discussão dos resultados encontrados

Os dados foram aqui organizados visando apresentar o perfil profissional dos participantes, suas opiniões a respeito da forma como os trabalhos estavam sendo realizados, e as emoções que estavam presentes quando responderam aos questionários. A seguir, os dados estatísticos, em tabelas, gráficos e quadros relativos à QV, com posteriores discussões.

Os resultados obtidos em levantamento inicial visando selecionar os possíveis participantes estão sistematizados na Tabela 1 a seguir. Foi realizado a partir de dados obtidos nos sítios de cada departamento.

Tabela 1: Universo e amostra dos participantes

Departamento/	Nº Docentes lotados	Proporção entre H e M	Homens respondentes	Mulheres respondentes	Respondentes/ % por departamento
Educação	23	7/16	1	7	8 (34,78%)
Matemática	22	11/11	2	5	7 (31,81%)
Física	25	17/8	5	0	5 (20%)
Química	13	12/1	4	0	4 (30,76%)
Biologia	10	9/1	3	1	4 (40%)
	$\Sigma= 93$	56/37	$\Sigma= 15$	$\Sigma= 13$	28 (30,10% do universo)

Fonte: elaborado pelas autoras

De acordo com Marconi e Lakatos (2005), questionários que são enviados para os entrevistados por meio da internet alcançam em média 25% de devolução. Os autores supracitados apontam também que 80% dos entrevistados preferem responder pesquisas de forma on-line, quando comparados com questionários impressos (20%), por correio e telefone (0% cada um). Assim, considera-se a taxa aqui obtida (30,10% geral e 32,67% em média) como sendo representativa do universo em questão, seja em termos gerais ou por departamento.

O levantamento aponta alguns aspectos interessantes: do ponto de vista do sexo, observa-se que os departamentos da área de Ciências da Natureza são predominantemente masculinos, principalmente o de Química (92,3%), o de Biologia (90,0%) e Física (68,0%); o departamento de Educação é quase 70% composto por mulheres e o departamento de Matemática tem distribuição equilibrada (50%); quanto às mulheres respondentes, observa-se as docentes dos departamentos de Física e Química não responderam à pesquisa (0% de participação); o de Biologia foi 100% representado; nos departamentos de Matemática, praticamente 45% das mulheres responderam. Vale registrar, com muito pesar, que uma das respondentes da pesquisa faleceu em decorrência da COVID-19, em 2021.

Aspectos ligados ao sexo do respondente remetem a questões de gênero, importante em pesquisas desta natureza tendo em vista que é sabido que as mulheres assumem mais as atividades do lar, em períodos normais. Durante o período de distanciamento social, assumem ainda mais as posições de cuidadoras, sejam de seus avós/pais idosos, ou mesmo netos/filhos, que passaram também a realizar atividades educativas em casa, necessitando da supervisão de adultos. Dentre os 28 participantes, 19 participantes (67,85%) são casados e 20 (71,42%) têm filhos. No entanto, não foram perguntados sobre a idade dos mesmos e nem se residem no mesmo domicílio. Assim, não é possível estabelecer relações, neste sentido.

No que diz respeito ao IMC, calculado a partir da fórmula massa/altura², o índice médio obtido a partir dos dados informados pelos participantes, este ficou em 27,75 em média. Um deles está abaixo do peso (abaixo de 18,5), dez com peso considerado normal (entre 18,5 e 24,9), nove acima do peso (entre 25 a 29,9), quatro com obesidade grau I (entre 30,0 e 39,9) e quatro com obesidade grau II (acima de 40,0). Ou seja, potencialmente 8 dos entrevistados (28,57%) faziam parte do grupo de risco para COVID, em função do peso (ROCHA; MOTTER, 2021).

Quanto ao perfil profissional dos participantes, dez deles são bacharéis, onze licenciados, cinco têm ambas formações, e dois realizaram cursos tecnológicos. Os anos de ingresso na universidade variam entre 1985 a 2017, sendo que a maioria dos participantes atuam

há mais de 15 anos na universidade em questão. Quando à carga horária com atividades de ensino anual (graduação e pós-graduação), nesta amostra de docentes: Educação (50 + 8), média de 315 h/docente; Matemática (6 + 6), média de 102,85h/docente; Física (18 = 8), média de 312h/docente; Química: (17 + 4), média de 315h anuais/docente; Biologia (15 + 2); média de 157,5h/docente. Um corpo docente experiente e com alta carga de atividades de ensino.

Para as aulas de laboratório, somente seis docentes, responderam que ministraram disciplinas dessa natureza. Ou seja, 21,4% dos entrevistados. Decorre daí que os demais, 22 docentes, ministravam disciplinas teóricas, teórico/práticas, e/ou de estágio. Quando solicitados a descrever, da forma mais completa possível, como procederam para ministrar as aulas de laboratório, responderam que: 1. No curso de Licenciatura em Física, foram realizadas com gravações no laboratório e coletas de dados realizadas por docentes e/ou técnicos. Estes foram disponibilizados aos alunos, que realizaram análises e elaboraram relatórios. Ou seja, os experimentos foram demonstrativos e os dados coletados por especialistas. 2. No curso de Ciências Biológicas, as atividades foram realizadas recorrendo a vídeos retirados da internet e os alunos realizaram trabalhos orientados. Não ficou claro sobre os tipos de vídeos selecionados e nem o que foi solicitado nos trabalhos requisitados aos alunos. 3. No curso de Licenciatura em Química, as aulas de laboratório estavam suspensas até o momento das respostas (janeiro/2020).

Quanto às disciplinas de Estágio Supervisionado, cinco docentes (17,8%) ministraram aulas naquele semestre: três no departamento de Educação, um no de Ciências Biológicas e um no departamento de Química. Vale salientar que os Estágios supervisionados da licenciatura são oferecidos somente por docentes do departamento de Educação para todos os cursos de licenciatura desta faculdade e campus em questão. Em uma análise geral, as aulas de estágio no Departamento de Educação, aconteceram em observações e análises das aulas remotas realizadas em escolas e também aquelas disponibilizadas pelo Centro de Mídias, órgão da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, com atividades periódica e assíncronas para discussão e acompanhamento, por meio da plataforma do *google meet*. Quanto aos estágios do curso de Ciências Biológicas, não foram dadas muitas informações, mas referem-se ao curso de bacharelado. O docente responsável se limitou a dizer que eram atividades digitais, sem melhores detalhamentos. Já no curso de Química, o estágio descrito também se refere ao bacharelado e comportou atividades que ocorreram em indústria, com orientações para elaboração do relatório e conversas periódicas realizadas entre supervisor e alunos pelo *google meet*.

Sobre as disciplinas teóricas e/ou teórico-práticas, os entrevistados foram questionados sobre as possíveis diferenças de ministrá-las em formato *online* e presencial. De todos os respondentes, apenas quatro (14,3%) apontaram não perceberem diferenças entre os formatos. Dois deles são do departamento de Física e argumentaram que já ministravam disciplinas on-line antes do distanciamento social. Assim, mantiveram as mesmas práticas. Dois docentes estavam em licença (prêmio e outro de saúde) e não ministraram aulas no período.

Para a identificação das possíveis dificuldades encontradas no ensino remoto, uma pergunta foi inserida no estilo de caixa de texto, em que os docentes podiam selecionar quantas opções fossem necessárias, caso tivessem ministrado aulas. Havia um espaço destinado à 'Outras', visando captar dificuldades não contempladas anteriormente. As respostas foram sistematizadas na Tabela 2, a seguir, que apresenta as opções e a porcentagem correspondente de seleção.

Tabela 2: Dificuldades selecionadas pelos docentes

Opção para seleção	Porcentagem
1. replanejamento das aulas para atividades remotas	64,30 %
2. manter o engajamento dos alunos durante as aulas	64,30 %
3. dosar a quantidade de tarefas, textos e/ou conteúdos a serem explorados	42,85 %
4. estabelecer instrumentos e critérios de avaliação adequados ao novo cenário	78,60 %
5. usar as ferramentas virtuais	50,00 %
6. ter, em casa, um ambiente de trabalho adequado	46,50 %
7. ter tempo para a realização de atividades acadêmicas	46,50 %
8. aumento da carga horária de trabalho	71,43 %
9. Outras: apresentas no quadro 2, a seguir	39,30 %

Fonte: elabora pelas autoras

Analisando os resultados, observa-se que um fator bastante apontado pelos entrevistados está no aumento da carga horária de trabalho, indo ao encontro do que aponta a Tabela 3, que indica que 71,4% dos entrevistados sentiam-se muito ou extremamente (50%) cansados e medianamente cansados (21,4%). Ainda em relação a si mesmos, a maioria aponta dificuldades em reorganizar e dosar as atividades e conteúdos a serem explorados, conseguir manter os alunos engajados durante as aulas, e a maior parte apontou dificuldades em estabelecer instrumentos e critérios de avaliação adequados ao novo cenário. Esses resultados vão de encontro das diferenças apresentadas entre as aulas teóricas e/ou teórico-práticas no

formato presencial e on-line. Todos os entrevistados apontaram sobre a falta de interação dos alunos nas aulas e a diminuição engajamento dos alunos com as atividades e, por conseguinte, na percepção de que a aprendizagem foi, de certa forma, prejudicada neste novo formato de trabalho.

Onze dos respondentes (39,30%) assinalaram a opção ‘Outras’, tendo sido solicitado que explicitassem melhor de forma escrita. O Quadro 2 apresenta as ideias centrais expressas pelos participantes. As respostas de cada participante estão indicadas por números.

Quadro 2: Ideias centrais expressas sobre as outras dificuldades encontradas pelos docentes no ensino remoto

Departamento	Ideias centrais expressas pelos docentes
Educação 5 respondentes	1. Organização do tempo 2. Sobrecarga de atividades burocráticas 3. Adquirir um novo computador para poder instalar e usar os programas 4. Conectividade de qualidade. Organização de tempo para lazer. Falta de objetividade em reuniões. Excesso de reuniões 5. Relacionamento entre os pares
Física 1 respondente	1. Receber as informações e as dificuldades dos alunos
Matemática 4 respondentes	1. Cobrança dos alunos 2. Realização de atividades de extensão 3. Reorganizar as atividades do trabalho. Acompanhamento escolar do filho. 4. Tempo para atividades de pesquisa. Responder mensagem dos alunos. Auxílio de um tutor.
Química 1 respondente	1. Conciliar trabalho com cuidado dos filhos.

Fonte: elaborado pelas autoras

Os elementos que mais aparecem são aqueles relacionados às dificuldades ampliadas de acompanhamento de filhos em idade escolar (que estavam em casa realizando também atividades de ensino remotas) e/ou cuidados com filhos menores que não estavam mais indo à escola e ficaram sob responsabilidade de seus pais; maior demanda por parte dos alunos, respondendo mais mensagens que o usual; excesso de reuniões e falta de objetividade das mesmas, prolongando o tempo, não respeitando horário de início e término; sobrecarga com atividades burocráticas, que somadas ao replanejamento das de ensino fizeram diminuir as relativas à pesquisa e também aquelas que permitem o descanso e o lazer. Considera-se que as dificuldades relatadas acima não se restringem ao ensino remoto, mas foram nele acentuadas.

Os entrevistados foram também questionados sobre os pontos positivos que as aulas remotas propiciaram para o seu fazer pedagógico. Abaixo, no Quadro 3 estão apresentadas as ideias centrais explicitadas.

Quadro 3: Ideias centrais expressas sobre os pontos positivos que as aulas remotas propiciaram no fazer pedagógico dos docentes

Departamento	Ideias centrais expressas pelos docentes
Educação 8 respondentes	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nenhum 2. Novas possibilidades. Facilidade de reunir os pares. Aprendizagem colaborativa. 3. Falta de necessidade de locomoção para o ambiente de trabalho. 4. Reflexão sobre as práticas. Soluções criativas para os problemas 5. Reinvenção como professor 6. Nenhum. 7. Maior envolvimento dos alunos 8. Uso de TICD. Aprofundamento em elementos didático.
Física 5 respondentes	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas gravadas para acesso assíncrono. Alunos podem assistir/rever as gravações. Organização do material disposto aos alunos. Melhor acesso às atividades dos alunos 2. Não houve alteração. 3. Acesso a novas ferramentas como o Google Classroom. Utilizar as ferramentas on-line nas aulas presenciais. 4. Nenhum. 5. Maior autonomia dos estudantes. Maior contato dos alunos com TDIC's
Biologia 4 respondentes	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gravação das aulas 2. Adaptação e transposição de metodologias. Aproximação dos alunos em outras ferramentas. Imersão na cultura digital. 3. Nenhum 4. Mais tempo no preparo. Menor duração das aulas
Matemática 7 respondentes	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estudo. 2. Está de licença. Não ministrou aulas remotas 3. Uso de softwares. Aulas mais interativas 4. Gravação das aulas. Disponibilização das gravações aos alunos 5. Praticidade e agilidade para mostrar as aplicações. 6. Preparo de material (slides) para aulas futuras. Utilização das ferramentas. <i>Google Classroom</i>. Gravação das aulas. 7. Uso das tecnologias digitais. Uso do computador. Computador possibilita várias abas abertas ao mesmo tempo. Facilidade de migração de ferramentas. Aula dinâmica. Figuras com melhor qualidade
Química 4 respondentes	<ol style="list-style-type: none"> 1. Contato com os alunos. Uso de aplicativos computacionais. 2. Disponibilização das aulas gravadas 3. Utilização dos meios virtuais futuramente. Reuniões poderiam permanecer online. Reinvenção nas aulas 4. Mais tempo gasto com o preparo das aulas. Recursos

Fonte: elaborado pelas autoras

Quando perguntados sobre os pontos positivos que as aulas remotas propiciaram para o fazer pedagógico, os docentes apontam o fato de as aulas não serem síncronas e as gravações serem disponibilizadas aos alunos, possibilitando aos alunos poderem assisti-las em

diferentes horários; destacaram também a facilidade para agendamento/realização de reuniões conjuntas; e que o momento de crise possibilitou oportunidades para adotarem novas formas de trabalho e, de certo modo, repensarem a pertinência/aprofundamento de certos conteúdos. O que parece claro é que a maioria dos docentes consideram que aprenderam/intensificaram o uso das TDIC e que isso resultou benefícios em algumas atividades; que o fato de não terem que se deslocar, principalmente para as reuniões entre pares foi benéfica, entre outros pontos. Cinco docentes disseram não ver nenhum ponto positivo (17,85%); alguns reforçaram um maior tempo dedicado ao planejamento, no sentido negativo.

Ao serem perguntados sobre como se sentiam no momento do preenchimento do questionário, os entrevistados responderam a questões do tipo *likert*, (1= nada, 2 =pouco, 3= mediano, 4= bastante, 5 =extremamente). Os dados foram agrupados na tabela a seguir, registrando a soma dos percentuais que indicam bastante e extremamente (4 e 5) e pouco e muito pouco (1 e 2).

Tabela 2: Porcentagem dos níveis de sentimentos expressos durante a realização do questionário

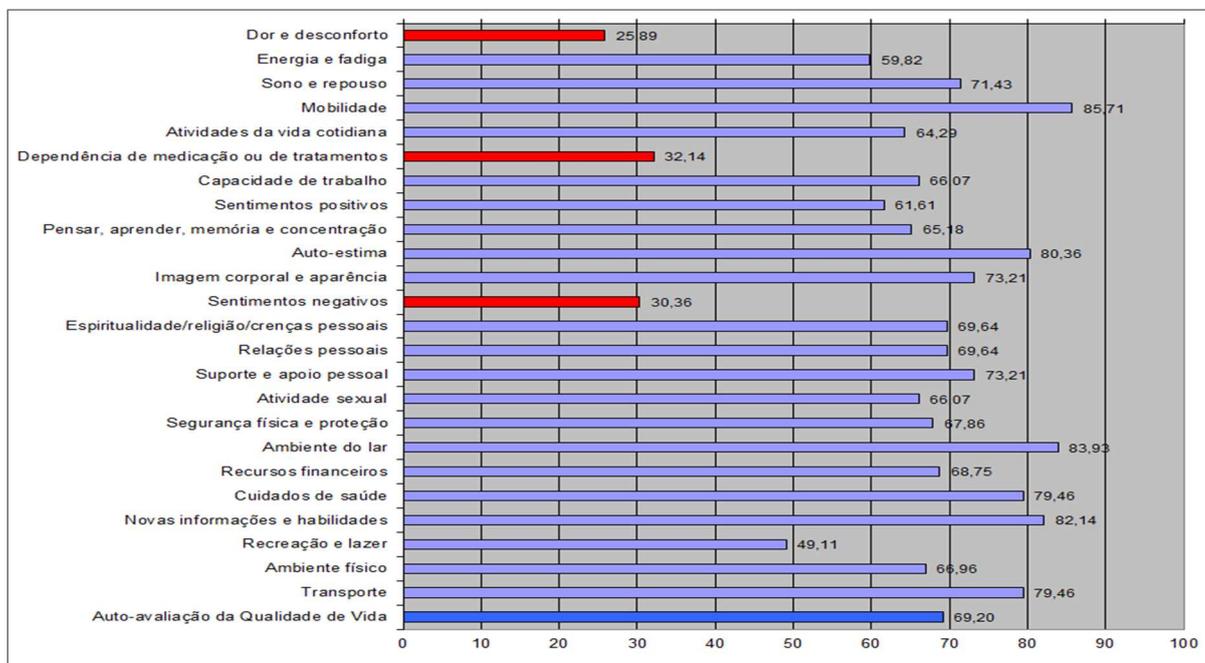
Sentimento	4 e 5	3	1 e 2
Ansioso	17,9%	42,9%	39,3%
Cansado	25%	28,6%	46,1%
Sobrecarregado	50%	21,4%	28,6%
Desanimado	21,5%	21,4%	57,1%
Calmo	50%	17,9%	32,1%
Feliz	53,6%	39,3%	7,2%
Esperançoso	38,4%	35,7%	28,6%

Fonte: elaborado pelas autoras

Analisando os resultados, observa-se que apesar da metade deles sentirem-se sobrecarregados, a maioria se sentia feliz, calma e pouco ansiosa. Esses dados corroboram, de certa forma, os valores apontados para QV geral (70,54) e a autoavaliação (69,20), que se mostraram boas para este grupo de docentes em questão.

A seguir são apresentados os resultados decorrentes das respostas dadas pelos 28 entrevistados ao questionário WHOQOL-Bref. Num primeiro momento serão apresentados os gerais, agrupados por sexo, e por departamento.

Gráfico 1: Facetas da amostra total (28 respondentes)

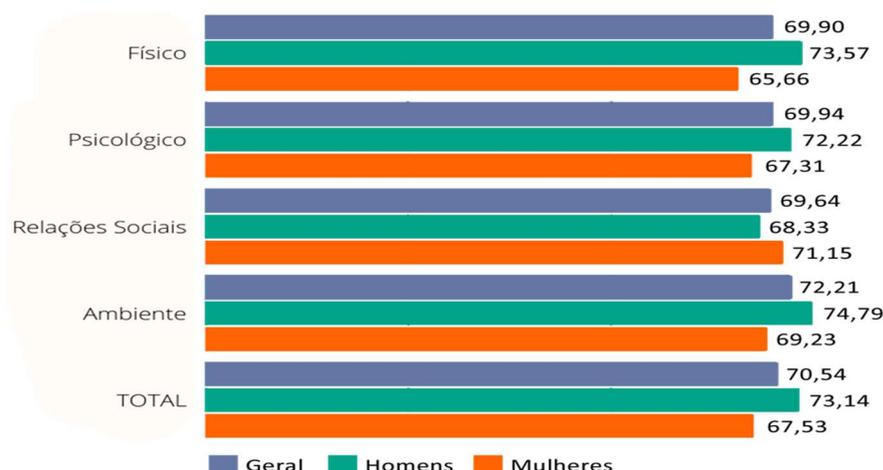


Fonte: elaborado pelas autoras

Como dito anteriormente, algumas das questões precisam ter seus valores invertidos, uma vez que 1 vai representar o melhor valor e 5 o pior. São todas as que estão no Gráfico 1, em vermelho. Ou seja: a dor (física) não os impede de fazer o que precisam (100 - 25,89 = 74,11); os entrevistados não se sentem doentes e necessitando de atendimento médico (100 - 32,14 = 67,86) e também não apresentam sentimentos negativos (100 - 30,36 = 69,64). Ou seja, valores considerados bons, por estarem entre 61 e 80 pontos. O índice desta última faceta corrobora os dados sistematizados na Tabela 1.

Vale lembrar que as classificações para os valores de QV consistem em: muito ruim (de 1 a 20 pontos); ruim (de 21 a 40 pontos); nem ruim nem bom (de 41 a 60); bom (de 61 a 80); e muito bom (de 81 a 100), mantendo uma amplitude de classe de 19 pontos.

A fim de estabelecer dados comparativos por sexo, segue outro gráfico do desempenho geral dos participantes, agrupando as facetas por domínios.

Gráfico 2: Domínios gerais, agrupados por sexo

Fonte: elaborado pelas autoras

Observa-se que em três dos quatro domínios considerados no instrumento, os valores das mulheres estão levemente abaixo dos apresentados pelos homens, sendo a diferença mais elevada referente ao domínio Físico (1-Dor e Desconforto; 2-Energia e Fadiga; 3-Sono e Repouso; 4-Mobilidade 5-Atividade da Vida Cotidiana; 6-Dependência de Medicação; 7-Capacidade de Trabalho), no valor de 7,91 pontos para menos. No entanto, no domínio Relações Sociais, que agrupam as facetas 1-Relações Pessoais; 2-Apoio Social; 3- Relações Sexuais, as mulheres apresentam uma qualidade de vida levemente melhor que a dos homens, 2,82 pontos para mais. De modo geral, as mulheres apresentam uma diferença no índice de QV em relação aos homens (5,61 pontos para menos), que não se considera aqui como significativo. Como os participantes não foram entrevistados, não é possível fazer inferências a respeito das possíveis causas.

Organizando os valores obtidos em cada um dos domínios, por departamentos, obtivemos a seguinte tabela, destacando os valores mais altos em negrito e os mais baixos em itálico.

Tabela 3: dados comparativos em departamentos, por domínios

Depto	% Respondentes	QV por domínio e QV geral, por departamento				
		Físico	Psicológico	Relações Sociais	Ambiente	QV
Educação	34,78%	68,30	73,44	78,13	71,84	71,51
Matemática	31,84%	<i>61,73</i>	<i>58,93</i>	<i>66,67</i>	69,64	<i>64,01</i>
Biologia	20%	74,11	68,75	<i>62,50</i>	<i>66,41</i>	69,23

Física	30,76%	77,86	70	71,67	75,63	74,42
Química	40%	73,21	83,33	62,50	79,69	76,44
Média geral	30,10%	65,66	67,31	71,15	69,23	70,54

Fonte: elaborado pelas autoras

Constata-se que a QV dos respondentes do departamento de Química, todos homens; neste, são os mais altos, com exceção do domínio Relações Sociais. Dados relativos a dois dos quatro domínios (Psicológico e Ambiente) superam em mais de 24,4 pontos e 13,28 pontos, respectivamente, em relação àqueles departamentos que apresentaram menores valores. Assim, as respostas destes participantes influenciaram diretamente a QV de vida da amostra total.

Observa-se que os docentes do departamento de Matemática, seguidos pelo de Biologia apresentaram os menores valores em todos os domínios, em comparação com os demais participantes. Isso indica uma menor QV destes profissionais à época. Quando aos fatores desencadeadores, não é possível estabelecer conclusões, tendo em vista que os mesmos não foram questionados a esse respeito. Esses docentes apresentavam menor carga de trabalho relativo ao ensino (102,85h e 157,5 h, em média, respectivamente), quando comparados às dos outros departamentos.

Analisando os resultados acima, por departamentos, pode-se observar que os docentes do Departamento de Educação apresentam no domínio Relações Sociais (78,13 pontos), que apresenta maior valor, dentre todos os entrevistados, numa diferença de 15,63 pontos quando comparado os valores dos departamentos de Biologia e Química. Algo que chama a atenção, tendo em vista que os respondentes deste departamento são majoritariamente mulheres (7 para 1), o de Biologia é majoritariamente masculino (3 para 1) e o de Química totalmente masculino. Ou seja, para esta amostra em questão, no domínio de Relação Sociais, as mulheres apresentam maior qualidade de vida. A carga horário de trabalho com atividades de ensino é maior em comparação com os demais colegas (435h/anuais, em média).

Análises com base em outros gráficos, não apresentados aqui por questões de espaço, apontam que esse valor alto é decorrente das respostas dadas pelas mulheres que, além disso, representam 87,5% dos respondentes. Também o domínio Físico, que apresenta o menor valor neste grupo em questão, tem grande influência da resposta das mulheres, tendo em vista que o valor do homem nesse quesito foi de 71,33 pontos, bem acima do valor apresentado pelas mulheres.

Os respondentes do departamento de Matemática foram sete (31,81% do total da amostra), sendo cinco mulheres e dois homens (71,4% e 28,57 dos respondentes). Observa-se que o valor mais alto para este grupo foi o Ambiente (69,01 pontos), composto pelas facetas 1- Segurança Física; 2- Ambiente do lar; 3- Recursos Financeiros; 4-Cuidados de Saúde; 5- Informação; 6- Recreação e lazer; 7-Ambiente físico; 8- Transporte; e em Relações Sociais (66,67). Analisando outros dados, constata-se que neste quesito, os homens apresentaram menor valor quando comparados ao das mulheres. De modo geral, a QV deles se apresentou menor que as delas, e quando comparados ao do departamento de Química, de modo geral, a diferença neste domínio é de 10,05 pontos, para menos.

Os resultados dos respondentes do departamento de Matemática apontam uma queda acentuada da QV das mulheres (60,38 pontos), tanto em relação aos homens do mesmo departamento (73,08) quanto em relação ao índice geral (64,01). Quando comparados ao valor apresentado pelos docentes de Química (76,44 pontos), a diferença é ainda mais evidente. Observa-se que em todos os domínios, os índices apresentados pelas mulheres são menores que o dos homens. Em dois deles, no Físico e no Psicológico, os valores obtidos pelas mulheres (58,57 e 57,5 pontos, respectivamente) atingem um valor mediano, considerados nem bom e nem ruim para QV. Os valores obtidos pelas docentes nestes dois domínios é 12,7 pontos menor que a dos homens do mesmo departamento e 7,15 pontos menor que o da amostra geral. No domínio Relações Pessoais a diferença é a mais acentuada, estando em 17,5 pontos para menos, seguida pelo Ambiente, cuja diferença é 16,25 e pelo domínio Físico, 11,07 pontos.

No departamento de Biologia, responderam ao questionário quatro docentes, sendo 3 homens e 1 mulher, de um total de 10 docentes. Analisando os valores comparativos em homens e mulher, não apresentados aqui, observa-se que a QV da mulher apresenta valores superiores aos dos homens nos domínios Físico e Psicológico, com diferenças de 15,47 pontos e 13,89 pontos para mais, respectivamente; e sua percepção sobre sua QV total é 5,15 pontos maior que a dos homens do mesmo departamento.

O departamento de Física foi representado por cinco docentes, todos homens. Observa-se que em todos os domínios, os valores estão acima de 70 pontos, considerados bons, sendo que o domínio Físico (77,86) foi maior de todos os departamentos analisados.

Por fim, apresentam-se os dados do departamento de Química, com dados obtidos das respostas de quatro docentes, todos homens. A QV calculada foi a mais alta da amostra geral analisada, com um valor de 76,44. Os domínios Psicológico e Ambiente tiveram os maiores valores entre os levantados.

Vale ressaltar que os dados aqui apresentados não puderam ser comparados com dados anteriores à pandemia, ou seja, não se sabe se os valores seriam maiores ou menores do que os aqui apresentados. A ideia é propor a continuação desta pesquisa visando fazer novo levantamento ao final do ano de 2022, caso o contexto pandêmico seja superado e haja uma volta à normalidade.

Conclusões

Esta investigação teve como foco de interesse a qualidade de vida e as atividades laborais de docentes universitários durante o distanciamento social decorrente da pandemia. A constituição de dados ocorreu entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, momento em que o processo de vacinação no Brasil ainda não tinha iniciado, em que os professores estavam finalizando o semestre letivo e/ou já estavam em recesso. Foram contatados 93 docentes, lotados nos departamentos de Educação, Matemática, Biologia, Física e Química de um campus da UNESP. Destes, 28 responderam aos questionários, enviados de forma on-line.

Os docentes entrevistados atuam em funções semelhantes (ensino/pesquisa/extensão/gestão), mas de maneira diferenciada, ou seja, dedicam variadas horas de trabalho à elas; todos estão em regime de dedicação exclusiva, numa carga horária de 40h semanais; estão submetidos às mesmas normas institucionais, mas são coordenados de forma diferenciada e estabelecem relações, mais ou menos amistosas, com seus pares nos departamentos; têm isonomia salarial, mas são contratados em regimes de trabalho diferenciados (estatutários e celetistas), atuam na universidade há tempos distintos, estando em diferentes níveis da evolução funcional, recebendo salários diferenciados. Como a pesquisa não levantou dados relativos à salários e renda, não é possível fazer inferências, mas acredita-se que as condições do e no trabalho impactam a QV dos profissionais.

Os resultados apontam que, apesar do distanciamento social, das dificuldades decorrentes das adequações das aulas presenciais para as remotas; do aumento da carga horária de trabalho, não só das atividades acadêmicas, mas também das relativas ao cuidado da família e da casa; de maiores demandas por parte dos alunos e dos gestores, a QV média dos participantes pode ser considerada boa (70,54 pontos em 100). No entanto, não se pode afirmar que eles não foram impactados pelo distanciamento social e pela realização de atividades laborais remotas porque não foi feita uma coleta de dados antes do período pandêmico. Assim, sugere-se no os mesmos participantes sejam novamente contatados no final de 2022, e também uma entrevista seja realizada visando preencher as lacunas deixadas na atual investigação.

No que diz respeito à QV por sexo, observa-se a as mulheres apresentam menores valores em relação aos homens (67,53 para 73,14 pontos); têm indicadores menores que o dos homens em todos os domínios, com exceção das Relações Sociais. Não é possível inferir as causas, que não foram questionadas sobre, mas a diferença foi detectada.

No que diz respeito ao IMC, fator agravante para o tratamento da COVID-19 os dados apontaram que 39,28% dos entrevistados estava com peso normal ou abaixo, 60,71% estavam acima do peso, ou com grau de obesidade I e II, sendo que potencialmente oito dos entrevistados (28,57%) faziam parte do grupo de risco para COVID, em função do peso.

Quais foram as sensações expressas no momento da entrevista, que apesar da metade deles sentirem-se sobrecarregados, fator também detectado pelos valores do domínio Físico, menor que todos os demais (65,66), a maioria dos participantes sentiam-se felizes, calmos e pouco ansiosos.

No que diz respeito às atividades laborais, registrou-se que os maiores desafios foram relativos às aulas práticas, em laboratórios, e nos estágios supervisionados relativos à licenciatura. A forma como os docentes procuram contorná-las, em parte, foi com o uso de filmagens de experimentos e coleta de dados realizadas por técnicos e enviadas para análise dos alunos (no curso de Física); filmes e documentários utilizados como observação de campo para alunos do curso de Ciências Biológicas, por exemplo.

No que diz respeito aos estágios da licenciatura, pelo fato de os graduandos não poderem frequentar as escolas da educação básica, um dos recursos utilizados foi buscar acesso para analisar as aulas disponibilizadas pelo Centro de Mídias, da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo. Os estágios do bacharelado continuaram a ser cumpridos em indústrias (Química) e em empresas (na Ciências Biológicas). E ocorriam, em todos eles, as reuniões periódicas para orientações e reflexões via *google meet*.

No dia 26 de agosto de 2021, foram apresentadas novas diretrizes¹² que dizem respeito à volta das aulas presenciais, indicando etapas de retomada presencial prevista para o ano de 2022. Acredita-se que as aprendizagens decorrentes de estudos visando adequações às atividades remotas irão reverberar em prática possivelmente híbridas, uma vez que grande parte dos planejamentos serão novamente reformulados, e os aspectos positivos das atividades remotas, apresentados pelos entrevistados, irão influenciar na volta ao ensino presencial, tais como a possibilidade de parte das aulas serem realizadas de maneira assíncronas e as gravações

¹² <https://www2.unesp.br/portal#!/covid19/retomada-das-atividades-presenciais/>

serem disponibilizadas aos alunos, que parte das reuniões entre pares sejam feitas on-line, de forma mais organizada e respeitando o tempo, entre outras.

Apesar deste período conturbado e de muitas perdas, foi também momento para reflexões sobre a pertinência de determinados conteúdos, maior utilização das TDIC, busca por soluções para os problemas detectados, maior investimento de tempo com as atividades de ensino e mudança de abordagens metodológicas. Práticas estas, que se espera, sejam incorporadas e aprimoradas.

Referências

- ARAUJO FILHO, A. C. A.; MARANHÃO, T. A. COVID-19 no contexto global de saúde. **Revista Enfermagem Atual in Derme**, Rio de Janeiro, v. 93, p. e-20001, 2020. Editorial.
- BRITO, T. T. R.; CORTELA, B. S. C. A condição da docência universitária no contexto atual das universidades: marcas históricas, realidade e perspectivas. **Revista de Iniciação à Docência**, Jequié, v. 5, n. 1, p. 9-23, 2020.
- CIESLAK, F. *et al.* Relação do nível de qualidade de vida atividade física em acadêmicos do curso de educação física. **Fitness and Purance Journal**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 317-319, 2007.
- CORTELA, B. S. C. Práticas inovadoras no ensino de graduação na perspectiva de professores universitários. **Revista Docência Ensino Superior**, Lagoinha, v. 6, n. 2, p. 9-26, 2016.
- CORTELA, B. S. C.; CORTELA, C. C. O processo de construção da identidade docente na perspectiva de alunos de pós-graduação em educação para ciência. *In*: ATENA EDITORA. **Reflexões em ensino de ciências**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2018. p. 193-207. (Ensino de Ciências, v. 3).
- FLECK, M. P. A. *et al.* O instrumento de avaliação de qualidade de vida abreviado da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-breve): aplicação da versão em português. **Revista de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 33-38, 2000.
- FLIK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MOREIRA, R. M. *et al.* (org.). **Qualidade de vida e condições de saúde de diversas populações**. Curitiba: CRV, 2017.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p. 11-30.
- OLIVEIRA FILHO, A.; OLIVEIRA, E. R. N.; OLIVEIRA, A. A. B. Qualidade de vida e fatores de risco de professores universitários. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 57-67, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23i1.10468>.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Promoción de la salud**: glosario. Ginebra: OMS, 1998.
- PEDROSO, B.; PILATTI, L. A.; REIS, D. R. Cálculo dos escores e estatística do WHOQOL-

100 utilizando o Microsoft Excel. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 23-32, 2009.

PEREIRA, E.; TEIXEIRA, C. S.; SANTOS, A. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 241-250, 2012.

PEREIRA, M. D. *et al.* A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, Itajubá, v. 9, n. 7, p. e652974548, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.4548. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4548>. Acesso em: 13 set. 2020.

ROCHA, L. F. I.; MOTTER, A. A. Correlação entre a obesidade e o COVID-19: revisão integrativa. **ASSOBRAFIR Ciência**, São Paulo, v. 12, p. e43015, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47066/2177-9333.AC.2020.0019>.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, K. R.; KERBAUY, M. T. M. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v31n61a2017-p21a44>.

VASCONCELLOS, L.; GUEDES, L. F. E-surveys: vantagens e limitações dos questionários eletrônicos via internet no contexto da pesquisa científica. *In*: SEMEAD-SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO FEA/USP, 10., 2007, São Paulo. **Atas [...]**. São Paulo, 2007. p. 84.

VIEIRA, P. R.; GARCIA, L. P.; MACIEL, E. L. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Rio de Janeiro, v. 23, p. e200033, 2020.

REPERCUSSIONS OF SOCIAL DISTANCE AND LABOR ACTIVITIES IN THE QUALITY OF LIFE OF UNIVERSITY TEACHERS IN A PANDEMIC PERIOD

Abstract

In April 2020, the Ministry of Education suspended classroom activities due to the pandemic caused by the COVID-19 virus, indicating the adoption of virtual classes. This research intends to explain the possible impacts of social distancing on the quality of life (QOL) of a sample of university professors, in addition to recording their difficulties and strengths in adapting activities to virtual teaching. Two questionnaires were sent to professors from four departments (Physics, Chemistry, Biology, Mathematics and Education): the WHOQOL-Bref, validated by the WHO, in order to classify the QOL; and another about questions sociodemographic and open-ended question about their work activities. The data obtained (28 out of 94 possible respondents) were organized using Excel spreadsheets and also analyzed in a quantitative and qualitative way. As for QoL, the indices show that, in general, it was good (70.54 points, out of 100); that the professors of the Mathematics department had the lowest rates in all domains (64.01) and those of Chemistry the highest indicators (76.44); that the general values of women were below those of men in all domains, with the exception of social relationships (71.15). As for the difficulties with teaching activities, the professors highlighted: the decrease in

interactions, less involvement of students with the objects of study; difficulty in finding ways to effectively assess remote activities, and in adapting activities and contents; in addition to more time spent in classes planning. As for the positive aspects that the remote activities provided, the professors point out the fact that the classes are not necessarily synchronous and the recordings are made available to the students; they also highlighted the facility for scheduling/carrying out joint meetings; and that the moment of crisis allowed opportunities to adopt new ways of working and, in a way, to rethink the pertinence/deepening of certain contents.

Keywords: Quality of life; WHOQOL-Bref; University professors; Remote Teaching; Social distancing

REPERCUSIONES DE LA DISTANCIA SOCIAL Y LAS ACTIVIDADES LABORALES EN LA CALIDAD DE VIDA DE LOS PROFESORES UNIVERSITARIOS DURANTE EL PERIODO DE PANDEMIA

Resumen

En abril de 2020, el Ministerio de Educación suspendió las clases presenciales debido a la pandemia causada por el virus COVID-19, lo que indicó la adopción de clases virtuales. La investigación aquí descrita tuvo como objetivo explicar los posibles impactos del distanciamiento social en la calidad de vida (CV) de una muestra de profesores universitarios, además de registrar sus dificultades y potencialidades para adaptar las actividades a la docencia virtual. Se enviaron dos cuestionarios a profesores de cuatro departamentos (Física, Química, Biología, Matemáticas y Educación): el WHOQOL-Bref, validado por la OMS, para clasificar la CV; y otro sobre temas sociodemográficos y preguntas abiertas sobre sus actividades laborales. Los datos obtenidos (28 de 94 posibles encuestados) se organizaron en hojas de cálculo de Excel y se analizaron cuantitativa y cualitativamente. En cuanto a la CV, los índices muestran que, en general, fue buena (70,54 puntos sobre 100); que los profesores del departamento de Matemáticas tuvieron las tasas más bajas en todos los dominios (64,01) y los de Química los indicadores más altos (76,44); que los valores generales de las mujeres eran más bajos que los de los hombres en todos los dominios con la excepción de las relaciones sociales (71,15). En cuanto a las dificultades con las actividades docentes, los profesores destacaron: la disminución de interacciones, menor implicación de los estudiantes con los objetos de estudio; dificultad para encontrar formas de evaluar eficazmente las actividades remotas y adaptar las actividades y el contenido; además de más tiempo dedicado a la planificación de lecciones. En cuanto a los aspectos positivos que aportaron las actividades a distancia, destacaron que las clases no eran necesariamente sincrónicas y las grabaciones se pusieron a disposición de los alumnos; también destacaron la facilidad de programar / realizar reuniones conjuntas; y que el momento de crisis brindó oportunidades para adoptar nuevas formas de trabajar y, en cierto modo, repensar la pertinencia / profundización de determinados contenidos.

Palabras Clave: Calidad de vida; WHOQOL-Bref; Profesores universitarios; Enseñanza remota; Distanciamiento social.